



A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA: O INSÓLITO NO CONTO E NO FILME

Sharmilla O'hana Rodrigues da Silva*

(UFPI)

451

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar a presença do sobrenatural no conto *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, escrito por Washington Irving, e em sua adaptação homônima para o cinema, realizada por Tim Burton. Ambos apresentam comunidades isoladas que acreditam fielmente em criaturas de origens misteriosas e que vivem em função de tal lenda. O filme produz uma mudança no gênero do conto, levando-nos do fantástico ao gótico. Nesta perspectiva, enfatizamos o processo de adaptação da literatura para o cinema e a construção das citadas narrativas, o que nos leva ao estilo de cada autor. Baseando-se nos estudos sobre o insólito na literatura, principalmente aqueles que cuidam do fantástico e do gótico, percebemos que o tratamento do fantasma no conto é diferente da condição do mesmo no filme, devido a objetivos pessoais também distintos.

PALAVRAS-CHAVE:

Fantástico. Gótico. *A lenda do cavaleiro sem cabeça*. Washington Irving. Tim Burton.

ABSTRACT:

This article objective is analyze the supernatural presence in the short story *The Legend of Sleepy Hollow*, written by Washington Irving, and in its homonymous adaptation to cinema, made by Tim Burton. They both present isolated communities which believe in creatures of mysterious origins and live in the light of such a legend. The movie produces a change in the short story genre, leading us from fantastic to gothic. In this perspective, we emphasize the adaptation process from literature to cinema and the construction of the mentioned narratives, which leads us to the style of each author. Based on the studies about the uncommon in the literature, mainly about from those that taking care of the fantastic and the gothic, we perceive treatment of the ghost in the short story is different of its condition in the movie, due to personal objectives also distinct.

* Mestre em Letras/ Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI, Teresina, Brasil, sharmillaohana@hotmail.com, <http://lattes.cnpq.br/4325703366860373>).

KEY-WORDS:

Fantastic. Gothic. *The Legend of Sleepy Hollow*. Washington Irving. Tim Burton.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O fenômeno sobrenatural, se de fato existe, não tem origem definida. Do contrário, qualquer situação assim caracterizada ocorrida no “mundo real” tem, muitas vezes, uma explicação racional. Há quem afirme ter sido testemunha de situações extraordinárias, mas as mesmas nunca foram comprovadas cientificamente. Na ficção, o contato humano com o insólito é frequente, sugerindo a existência de outra realidade.

Neste artigo, analisamos a presença do sobrenatural no conto *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, escrito por Washington Irving e publicado entre 1819-1820, e em sua adaptação homônima para o cinema, realizada por Tim Burton em 1999. Ambos apresentam comunidades isoladas que acreditam fielmente em criaturas de origem misteriosa e que vivem em função de tal lenda. O filme produz uma mudança no gênero do conto, levando-nos do fantástico ao gótico. Acreditamos que outros estilos estão presentes nas obras, mas nosso estudo limita-se a aqueles consideramos predominantes.

A linguagem cinematográfica e seus recursos específicos recriam o conteúdo literário, respeitando os temas propostos pelo autor do texto-fonte e acrescentando outros do autor do texto-modelo, permitindo novas possibilidades de leitura por parte do leitor/espectador. Logo, defendemos que o diretor, enquanto leitor de um texto literário, interpreta-o de formas distintas e, por isso, podemos dizer que qualquer outra forma de expressão é aceitável para narrar uma história, feitas as adaptações necessárias que este meio requer.

O estilo gótico surgiu na Idade Média, caracterizado pelas estruturas arquitetônicas. Na época, eram as narrativas orais, transmitidas pelos povos “bárbaros”, que ofereciam uma combinação dos cultos pagãos e da religiosidade cristã. As narrativas contadas valorizavam a realidade inacreditável, demonstrando o uso intenso da imaginação sobre a razão. No século XVIII, alcança seu apogeu na narrativa de ficção como sinônimo de história de terror.

O gênero fantástico, por sua vez, ganhou vida no século XIX, especificamente na literatura. Nesta narrativa, o autor provoca o leitor, desperta-lhe a inquietação, tira-lhe a segurança racional e questiona-lhe sobre a certeza e a explicação do que está lendo. Confrontando-se entre a sensatez e o inexplicável, este mesmo leitor se vê preso às duas possibilidades do sobrenatural.

Nesta perspectiva, enfatizamos o processo de adaptação da literatura para o cinema e a construção das citadas narrativas, citando o estilo de cada autor. Baseando-se nos estudos sobre o insólito na ficção, especialmente aqueles que cuidam do fantástico e do gótico, como Tzvetan Todorov e H. P. Lovecraft, percebemos que o tratamento do fantasma no conto é diferente da condição do mesmo no filme, devido a objetivos diferentes de Irving e Burton.

2. A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA: DE IRVING A BURTON

Washington Irving nasceu em Nova York em 1783 e morreu em Tarrytown aos 76 anos de idade em 1859. Exerceu a carreira de escritor e diplomata, vivendo muito tempo na Europa. Escreveu crônicas, biografias e contos, sob diferentes pseudônimos (como Johnathan Oldstyle, Geoffrey Crayon, Diedrich Knickerbocker). Em suas obras, discutia política e história através da sátira. Foi o primeiro intelectual do país a ter reputação internacional, fazendo parte do movimento romântico. *A lenda do cavaleiro* está presente no livro *The Sketch Book*, publicado entre 1819-1820. O texto foi produzido enquanto Irving estava na Europa e é baseado no folclore de tal continente:

[...] Os Estados Unidos, além de herdarem o folclore sobrenatural comum da Europa, tinham um fundo adicional de associações fantásticas para explorar e já havia reconhecido nas lendas espectrais um tema frutífero para a literatura [...] e o tratamento [...] de temas fantásticos por Washington Irving logo se tornou clássico. (LOVECRAFT, 2008, p. 71).

No conto, o professor Ichabod Crane é enviado a Sleepy Hollow para ensinar as crianças da comunidade. O lugar é encantado e os moradores parecem enfeitiçados, pois vivem em constante devaneio e acreditam em narrativas sobrenaturais. A lenda mais assustadora é a do cavaleiro sem cabeça. Crane estava apaixonado por Katrina, prometida de Brom Bones, mas em uma festa é dispensado pela jovem. Ao voltar para

casa, sozinho, desaparece e alguns concluem que ele foi levado pelo fantasma. Katrina casa com Bones.

Tim Burton, por sua vez, nasceu em Burbank, Califórnia, em 1958. Sempre teve “imaginação hiperativa [...] sonhos sombrios e pesadelos coloridos [e foi] uma criança suburbana alienada [que amava] o grotesco” (WOODS, 2011, p. 7). Iniciou sua vida profissional nos Estúdios Disney, mas não tinha liberdade para desenvolver suas ideias. Em seus filmes, mistura horror e comédia e a atmosfera importa mais que o enredo.

No filme *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, de 1999, Burton se baseia na história de Irving para dar maior destaque ao fantasma do título, transformando-a “em um conto de fadas sangrento” (WOODS, 2011, p. 12), resultado da combinação entre o terror cinematográfico e a cultura pop. Sua versão é a primeira que explora os aspectos fantasiosos do texto original.

No filme, Ichabod Crane é enviado a Sleepy Hollow para investigar uma série de assassinatos ocorridos na comunidade. Lá, é informado que o principal suspeito é o cavaleiro sem cabeça. Apesar do medo, o detetive decide enfrentar o fantasma e acaba se apaixonando – e é correspondido – por Katrina Van Tassel, que é uma boa bruxa. Infelizmente, ela não consegue salvar o namorado Brom Bones, que é morto logo no início pelo cavaleiro sem cabeça. No fim, o fantasma é derrotado e Katrina e Crane ficam juntos.

Enquanto adaptação, o filme recria a essência do conto, indo além do acréscimo ou da subtração de aspectos narrativos. Como explica Xavier (2003, p. 61), “a interação entre mídias tornou mais difícil recusar o direito do cineasta à interpretação livre [...] e admite-se até que ele pode inverter determinados efeitos”. Burton, permitindo a existência do cavaleiro sem cabeça, leva seu espectador a perguntar qual a origem do fantasma e por que ele assusta as pessoas. O texto adaptado é o ponto de partida para uma nova história.

Alguns elementos narrativos do conto foram transformados no filme. O enredo deu vida a uma criatura outrora passível de inexistência; dos quatro personagens principais, dois são derrotados (Brom Bones e o cavaleiro sem cabeça); Katrina se revela uma bruxa, assim como outras duas personagens; Ichabod, de professor crente no sobrenatural, torna-se um detetive, defensor dos métodos científicos – uma prova de sua

racionalidade; e o narrador, hesitante diante de todo o enredo, é agora o espectador que visualiza e atesta a veracidade dos fatos.

Estas mudanças são aceitáveis, pois nas palavras de Hutcheon (2011, p. 28), “[...] há claramente várias intenções possíveis por trás do ato de adaptar: o desejo de consumir e apagar a lembrança do texto adaptado, ou de questioná-lo, é um motivo tão comum quanto a vontade de prestar homenagem, copiando-o”. Desta maneira, Burton homenageia o escritor dando ao seu conto uma nova leitura.

3. O FANTÁSTICO NO CONTO DE IRVING

No conto de Irving, predomina o gênero fantástico que se caracteriza, de uma forma geral, pela presença inexplicável do sobrenatural no mundo real. Ou seja, o elemento insólito invade a realidade e não tem sua origem identificada: “O fantástico ocorre nesta incerteza [...] é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2010, p. 31). Em nenhum momento, conhecemos as motivações do cavaleiro sem cabeça – apesar de os moradores afirmarem que ele quer resgatar seu crânio – ou sabemos se ele realmente existe – as vítimas desaparecem misteriosamente e nada assegura que elas foram mortas por um fantasma.

Furtado (1980, p. 22) nos apresenta a distinção entre sobrenatural positivo e sobrenatural negativo, que estariam relacionados ao bem e ao mal, respectivamente. Enquanto Crane se encaixa na primeira categoria, o cavaleiro sem cabeça pertence à segunda. Tais atribuições são feitas a partir das descrições destas personagens. O professor “[...] era uma curiosa mistura de pouca perspicácia e simplória credulidade” (IRVING, 2008, p. 24). Seu medo e bondade causam comoção e identificação no leitor. O fantasma, por sua vez, segundo o depoimento dos moradores, machuca suas vítimas, é violento com elas.

A existência do espectro é defendida por uma parte dos moradores e por alguns leitores. É nesta incerteza que reside a hesitação. Crane acreditava fielmente em lendas sobrenaturais e, com frequência, estando sozinho, imaginava vozes e visões. No conto, não é esta personagem que incompreende a aparição. Para Crane, o cavaleiro existe. É em nós leitores, que a dúvida se instala. E ela deve permanecer até o fim do conto para

que o mesmo apresente características do fantástico. Assim ocorre no texto de Irving. Após o último desaparecimento, os moradores comentam o destino da suposta vítima:

[...] um velho fazendeiro [...] levou para casa a informação de que Ichabod Crane ainda vivia; que ele abandonara a vizinhança [...] As velhas senhoras do campo, porém, que são as melhores juízas desses assuntos, sustentam até hoje que Ichabod foi raptado por meios sobrenaturais. (IRVING, 2008, p. 63-64).

No início, a maneira que a narrativa é apresentada leva o leitor a um suspense sobre o que vai ser relatado; ou seja, vários detalhes – como a atmosfera misteriosa do lugar, a crença gratuita de Crane, o reforço da lenda, o desaparecimento das pessoas – compõem o desenvolvimento de um episódio sobrenatural. Como consequência, a identificação com a personagem ou com o narrador, apesar de não ser obrigatória, permite um envolvimento maior com a estória.

Tentemos dar uma explicação ao que aconteceu com Crane. Se este acontecimento tem explicação racional, estamos diante do estranho; se o contrário, ele faz parte do maravilhoso. Furtado (1980, p. 34-35) explica que no estranho, os aspectos duvidosos são explicados de forma lógica e o destinatário deste tipo de narrativa acaba por assumir o caráter objetivo do fenômeno apresentado. Nos textos maravilhosos, um mundo arbitrário é revelado desde o início, sem discutir a existência de seus seres, e o leitor aceita aquela nova realidade.

Podemos, então, culpar Brom Bones pela perseguição a Ichabod, com o objetivo de eliminar o rival na luta pelo amor de Katrina e assumir o conto de Irving como estranho. Entre a força e a inteligência, venceria aquela. Se, do contrário, acreditamos e defendemos a existência do fantasma, entramos no mundo do gótico maravilhoso de Tim Burton. As interpretações, obviamente, são feitas por cada leitor.

“Cheguei quase a acreditar” (TODOROV, 2010, p. 36). Esta é a fórmula que define o fantástico. A crença ou incredulidade total eliminam a presença do fantástico. Entendemos, porém, que as interpretações para o conto são dadas por cada leitor, mas não retiram a dúvida que lá repousa: o fantasma existe ou não? Por isso, enfatizamos que estamos tratando de um gênero que está presente no conto, não querendo dizer que é o único que lá se encontra.

4. O GÓTICO NO FILME DE BURTON

No filme de Burton, predomina o estilo gótico porque nele estão presentes “alusões a exotismo, heresia e ao sobrenatural com uma atmosfera de pessimismo e mau agouro” (KEMP, 2011, p. 88). Neste estilo, cada aspecto narrativo é construído para causar pavor no leitor e no espectador através da atmosfera sombria e apavorante.

Os textos deste gênero citam e distinguem, dentre outros aspectos, o bem X o mal e a vida X a morte. Surgido durante a Idade Média, o gótico ganhou destaque no período romântico trazendo um cenário assombrado como “núcleo de suspense e pavor demoníaco” (LOVECRAFT, 2008, p. 28) em que todos os detalhes da trama são construídos com um único objetivo: causar medo ilimitado e iminente.

No filme, uma combinação de fantástico e maravilhoso também está presente. O primeiro repousa na incredulidade de Crane em relação ao fantasma – o detetive é de Nova York e, a princípio, não acredita em lendas interioranas, ele é adepto dos métodos científicos até o encontro com o fantasma; sua dúvida logo é desfeita quando a mesma personagem relembra momentos da infância vividos com a mãe, uma bruxa boa. Talvez, por este motivo, Crane se apaixona por Katrina.

Logo, diante do túmulo do cavaleiro – seu corpo está enterrado na árvore dos mortos, Crane conclui que a árvore “é um portal entre dois mundos” (A LENDA..., 1999, capítulo 10), que o cavaleiro da lenda sai de lá “para pegar cabeças até que a sua seja devolvida” (A LENDA..., 1999, capítulo 10) e que as vítimas são escolhidas por uma pessoa “de carne e osso” (A LENDA..., 1999, capítulo 12) que pegou a cabeça do espectro e o controla. A mandante dos crimes é Lady Van Tassel, madrasta de Katrina, que faz feitiçarias para se beneficiar e prejudicar outras pessoas.

A diferença entre gótico e fantástico também repousa no processo de construção da narrativa como um todo e, especificamente, na apresentação do elemento sobrenatural. No filme, o cenário se destaca como uma personagem e, através das imagens e dos sons, o suspense e o medo vão se estabelecendo:

Para Burton, esta exploração [do medo] faz-se através de uma narração assente em símbolos, cuja interpretação varia [...] com a experiência prévia do receptor, permitindo interpretar a narrativa a vários níveis. [...] para Burton, a realização é um processo catártico e de compreensão e ligação com o mundo. (SOARES, 2008, p. 92).

Optamos por tratar de gêneros diferentes nas duas manifestações por acreditar que elas priorizam determinadas características. Assim, há um pequeno momento em que Crane duvida da existência do cavaleiro sem cabeça, mas este é logo desfeito quando as duas personagens se encontram. E se o filme nos permite uma interpretação a partir da classificação todoroviana, a solução maravilhosa parece ser a mais adequada.

Talvez, por este motivo, Soares (2008, p. 1-2) caracteriza os filmes de Burton como fantástico que, para ela, é o gótico moderno. O gênero predominante na obra do cineasta está não em sua estrutura narrativa, como afirmamos anteriormente, mas em sua expressão estética. Por este motivo, ela apela para a emoção, gerando seu sucesso entre os espectadores mais sensíveis:

O apelo do macabro espectral [...] exige [...] um certo grau de imaginação e uma capacidade de distanciamento da vida cotidiana. São relativamente poucos os que se libertam o suficiente do feitiço da rotina diária para responder aos apelos de fora, e as histórias sobre emoções e acontecimentos ordinários ou distorções sentimentais comuns dessas emoções e acontecimentos sempre ocuparão o primeiro lugar no gosto da maioria. (LOVECRAFT, 2008, p. 13-14).

Por fim, o cinema incorporou o gótico como forma de demonstrar visualmente as descrições antes unicamente literárias. Os cenários construídos em tal gênero provocam sensações de inquietude, facilitando assim a ambiguidade pretendida. A análise do gótico no filme de Burton só revela uma das possibilidades artísticas de sua obra multifacetada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos, de uma forma geral, o fantástico como a dúvida sobre a presença do sobrenatural que pode ou não causar pavor; no gótico, o insólito existe de fato e permite a manifestação do medo em seu narratário. Nesta perspectiva, através da análise comparativa feita entre o conto e o filme, percebemos que as atuações do cavaleiro sem cabeça em Irving e em Burton são diferentes.

Acreditamos que Irving proporciona a reflexão sobre um momento social: a aversão ao estrangeiro. Após a revolução pela independência ocorrida quarenta anos

antes da publicação de *The Sketch Book*, a nação estadunidense pareceu sem rumo e a literatura retratou o momento dando sensibilidade à base de sua pequena sociedade. O medo do novo e a utopia do progresso foram substituídos pela tradição e conservação de um modo de vida. Por isso, o escritor constrói uma atmosfera de mistério que, no fim, revela o lado sombrio do ser humano.

O cineasta, porém, permite a catarse através da experiência em uma realidade ao mesmo tempo macabra e bizarra, confrontando bruxas boas e más, magia branca e magia negra. Ele também permite a identificação com o herói: Ichabod teve medo até o fim, mas fez o que precisava ser feito. *A lenda do cavaleiro sem cabeça* no cinema é tudo o que Burton queria de um filme, baseado em suas experiências infantis como um espectador apaixonado por filmes de terror, como ele mesmo explica “Tentei injetar aqui a alegria que eu sentia ao ver aqueles filmes [...] Queríamos manter o clima de terror, mas também nos divertir com ele” (WOODS, 2011, p. 248-249).

REFERÊNCIAS

A LENDA do cavaleiro sem cabeça. Direção: Tim Burton. Roteiro: Andrew Kevin Walker. Produção: Scott Rudin e Adam Schroeder. Interpretes: Johnny Depp; Christina Ricci; Christopher Walken e outros. Paramount Pictures e Mandalay Pictures. EUA, 1999. 1 DVD (105 min), son, color.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. (Horizonte Universitário).

HUTCHEON, Linda. Começando a teorizar a adaptação: O quê? Quem? Por quê? Como? Onde? Quando? In: _____. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: EDUFSC, 2011. p. 21-59.

IRVING, Washington. **A lenda do cavaleiro sem cabeça**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008. (Livros da Tribo).

KEMP, Philip. Terror Gótico. In: _____. **Tudo sobre cinema**. Tradução de Fabiano Moraes et al. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. p. 88-91.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SOARES, Carla Marina M. J. Simões. **O imaginário fantástico de Tim Burton: exemplos de gótico moderno.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Aberta, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/1368>>. Acesso em: 30 mar 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** Tradução de Maria Clara Correia Castello. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELLEGRINI, Tânia. et. al. **Literatura, cinema e televisão.** São Paulo: SENAC/Itaú Cultural, 2003. p. 61-89.

WOODS, Paul A. **O estranho mundo de Tim Burton.** Tradução de Cassius Medauar. São Paulo: Leya, 2011.